ODEERE
ISSN 2525-4715
Vol 10, Nº 1, 2025, 144-163
DOI: 10.22481/odeere.v10i1.17423
Dossiê | Dossier

Temas da literatura indígena voltada ao público infantil

Manoilly Dantas de Oliveira[1]*
[1] Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Brasil
*Autor de correspondência: manoillydantas@gmail.com

RESUMO

Este artigo objetiva apresentar três temas comuns na literatura indígena voltada para crianças. A pesquisa possui natureza qualitativa e bibliográfica, em que foram analisados seis livros, organizados nos seguintes temas: mitologia indígena; os indígenas e a natureza; e os indígenas e a cidade. Como referencial teórico, foram adotados os estudos de Dorrico et al. (2018), Martha (2016) e Graúna (2013), que versam sobre a literatura indígena e as suas características. Os resultados demonstram que essas obras possuem potencial para o conhecimento das histórias e culturas dos povos indígenas na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, colaborando com a diminuição de estereótipos sobre esses povos.

PALAVRAS-CHAVE:
Indígena e natureza
Indígena na cidade
Literatura indígena
Mitologia indígena

ABSTRACT

This article aims to present three common themes in indigenous literature aimed at children. The research has a qualitative and bibliographic nature, in which six books were analyzed, organized into the following themes: indigenous mythology; indigenous people and nature; and indigenous people and the city. As a theoretical framework, studies by Dorrico et al. (2018), Martha (2016) and Graúna (2013) were adopted, which deal with indigenous literature and its characteristics. The results demonstrate that these works have the potential to provide knowledge about the stories and cultures of indigenous peoples in Early Childhood Education and in the early years of Elementary Education, helping to reduce stereotypes about these peoples.

KEYWORDS:
Indigenous literature
Indigenous mythology
Indigenous people and nature
Indigenous people in the city

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo presentar tres temas comunes en la literatura indígena destinada a niños y niñas. La investigación es de naturaleza cualitativa y bibliográfica, en la que se han analizado seis libros, organizados en los siguientes temas: mitología indígena; los indígenas y la naturaleza; y los indígenas y la ciudad. Como marco teórico, se han tomado como referencia los estudios de Dorrico et al. (2018), Martha (2016) y Graúna (2013), que abordan la literatura indígena y sus características. Los resultados demuestran que estas obras tienen un gran potencial para la difusión del conocimiento sobre las historias y culturas de los pueblos indígenas en la Educación Infantil y en los primeros años de la Educación Primaria, contribuyendo a la reducción de estereotipos sobre estos pueblos.

PALABRAS-CLAVE:
Indígenas en la ciudad
Indígenas y naturaleza
Literatura indígena
mitología indígena

SUBMETIDO: 28 de agosto de 2025 | **ACEITO:** 28 de agosto de 2025 | **PUBLICADO:** 03 de setembro de 2025
© ODEERE 2025. Este artigo é distribuído sob uma Licença Creative Commons Attribution 4.0 International License

1. Introdução

É sabido que a Lei n.º11.645 de 2008 torna obrigatório o estudo das histórias e das culturas dos povos indígenas nas instituições escolares (Brasil, 2008), entretanto, esse lugar continua propagando estereótipos a partir de práticas pedagógicas descontextualizadas. Acredita-se que a literatura indígena pode ser um caminho para o conhecimento das culturas indígenas de forma privilegiada, uma vez que são textos escritos por essas pessoas.

Diante da potencialidade dessas obras, é preciso que os pedagogos possuam um repertório literário de autoria indígena, bem como conheçam os aspectos das culturas desses povos e da história do Brasil. Compreende-se que a literatura indígena precisa se fazer presente nas salas de aula, desde a Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental.

Segundo Martha (2016), os autores indígenas são reconhecidos no mercado editorial, publicando obras e recebendo prêmios. Entretanto, a quantidade de produção desses textos é menor se comparada às obras de autores não indígenas. A literatura indígena apresenta obras voltadas para diversos públicos, com os mais variados gêneros textuais. Além disso, Bonin (2008) afirma que essas obras trazem diversas temáticas, tais como o cotidiano indígena, a sabedoria dos mais velhos, a relação desses povos com a natureza, identidade indígena nas cidades, situações de violência, lutas atuais, entre outras.

Considerando tal diversidade, o presente artigo objetiva apresentar três temas comuns na literatura indígena voltada para crianças, uma vez que essas obras são imprescindíveis para a compreensão das histórias e culturas dos povos indígenas. Os três temas adotados foram: mitologia indígena, os indígenas e a natureza e, por fim, os indígenas e a cidade.

O presente artigo é uma pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica (Gil, 2008), em que foi analisado um *corpus* de 6 livros, buscando ressaltar as potencialidades dessas obras para a discussão das culturas indígenas para crianças da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

2. Principais características da literatura indígena

Considera-se literatura indígena os textos escritos por pessoas indígenas (GRAÚNA, 2013; THIEL, 2012) que tematizam as histórias e culturas desses povos, que têm como público leitores adultos, jovens e crianças.

Sobre essas obras, Graúna (2013) afirma que estão organizadas em dois períodos: *o período clássico*, são os textos que registram as narrativas indígenas, tradicionalmente da oralidade. Essas produções são conhecidas na sociedade não indígena como lendas e mitos e possuem caráter social e cultural para os indígenas. E, o *período contemporâneo*, são as criações ficcionais do ponto de vista indígena, ainda em fase experimental.

Segundo Martha (2016, p. 177), "os escritores circulam pelos espaços do campo literário, com obras premiadas, e constam inclusive em catálogos de editoras, listas de prêmios, trabalhos acadêmicos e da crítica especializada". Pode-se dizer que essas obras começaram a fazer parte de uma tradição no campo da literatura.

Dentre as variadas características desses textos, é preciso destacar como essas produções são recentes no território brasileiro. Segundo Thiel (2012), a literatura indígena começou a se fundamentar no país na década de 1990, antes o que existia eram produções avulsas. O primeiro livro infantil de autoria indígena, por exemplo, foi publicado em 1980 (MARTHA, 2016). Dessa forma, se comparado à literatura não indígena, esses textos são recentes, que continuam a buscar visibilidade e mais presença no mercado editorial.

Esses escritores iniciaram registrando as narrativas coletivas dos seus povos e, posteriormente, publicaram outros gêneros textuais, tais como contos, poemas, relatos, autobiografias. Ou seja, a literatura indígena está se desenvolvendo, mas já existem muitas produções que precisam ser lidas e apreciadas por todos.

Outra característica, também relacionada com o período do seu surgimento, é que esses textos possuem estreita relação com o movimento indígena. Sobre esse fato, Dorrico et al. (2018) afirmam que a literatura de autoria indígena é uma aliada do movimento indígena, se tornando um instrumento político desses povos. Em razão do contexto de ativismo em que a literatura indígena está situada, esses textos terão como um dos principais objetivos o

combate ao estereótipo e à descatequização da mente, na intenção de promover o respeito e a valorização dessas culturas.

Além disso, é preciso pontuar que a literatura indígena está relacionada com a oralidade, tendo em vista que esses povos se organizam social e culturalmente por meio da tradição oral. Dorrico e Danner (2019) afirmam que os rituais, as histórias e as cosmovisões de cada povo indígena são ensinados oralmente. Segundo os autores:

> A partir da década de 1970, dados os projetos de expansionismo socioeconômico dinamizados pelos governos militares rumo ao Centro-Oeste e ao norte do país, o sujeito indígena viu a necessidade de adentrar na tradição da escrita alfabética, bem como em termos de organização política, para reivindicar direitos físicos atropelados pelo governo brasileiro e por empresas particulares (DORRICO; DANNER, 2019, p. 77).

A adoção da escrita nas sociedades indígenas não aconteceu de forma neutra, pelo contrário, esses povos optaram por aprender a escrita alfabética na intenção de se proteger e lutar por seus direitos. Então, os indígenas começaram a dominar a escrita, tradição que era exclusiva do colonizador (CALVET, 2011).

Para Werá (2017), a tradição dos povos indígenas é, desde sempre, artística, poética e literária, nas quais os contadores de histórias ocupam lugar de destaque. Para registro nos livros, foi necessário um trabalho de tradução de histórias orais para a escrita, o que exigiu de seus escritores habilidade técnica. Eles se viram frente ao desafio "[...] de aprender a ler e escrever, de aprender a codificar o pensamento, o conhecimento, na linguagem escrita. É como aprender uma nova língua" (WERÁ, 2017, p. 26). Em outras palavras, há uma transposição da oralidade para a escrita, no suporte livro.

Apesar da diversidade de público e de gêneros textuais, com livros publicados em editoras renomadas, a literatura indígena necessita encontrar lugar definitivo nas escolas, desde a Educação Infantil até o Ensino Superior.

A leitura desses livros em sala de aula pode auxiliar com a implementação da Lei n.º11.645 de 2008, além de contribuir com a reorientação do olhar, o conhecimento dessas culturas e o respeito para com os indígenas. Ademais, possibilita aos leitores conhecer mais da história do próprio país.

Sabe-se que, por muito tempo, quem escrevia sobre esses povos eram os não

indígenas, o que ocasionou a perpetuação de diversas concepções errôneas. Então, como a escola é o lugar para a "[...] formação dos valores humanísticos, éticos, sociais e políticos" (SILVA; SILVA, 2020, p. 141), poderá combater os estereótipos e preconceitos sobre os ameríndios.

Sendo assim, os professores precisam familiarizar-se com os escritores, ter repertório de literatura indígena e conhecimento das histórias e culturas dos povos. Mas, Thiel (2013) assinala que esse é um tema ainda novo para esses profissionais, o que pode acarretar na incipiente presença dessas discussões e das obras nas salas de aulas. É, pois, importante a inclusão da literatura indígena na formação inicial e/ou continuada de pedagogos.

3. Três temas da literatura indígena para crianças

Para a organização desta análise, foram lidos 34 livros de literatura indígena, destinados à infância. Identificou-se 6 categorias temáticas, as quais são: 1) mitologia indígena; 2) indígena e a natureza; 3) o indígena e a cidade; 4) ensinamentos indígenas; 5) conhecendo aldeias e 6) chegada dos portugueses. Desses, observou-se o predomínio de obras em três temas, que foram: mitologia indígena, com dez obras; o indígena e a natureza, com oito livros; e o indígena e a cidade, com seis produções.

Para este recorte, serão analisados seis livros, sendo duas produções para cada temática. Na análise, serão evidenciadas as potencialidades da obra para a discussão sobre a história e/ou cultura dos povos indígenas na sala de aula.

3.1. Mitologia indígena

De fato, muitas das produções indígenas voltadas para crianças são as narrativas tradicionais conhecidas como lendas e/ou mitos pela sociedade ocidental. Segundo Graúna (2013), os registros desses textos prevaleceram no início da produção de autoria indígena, mas que ainda são publicadas, devido à sua importância nessas sociedades.

É preciso ressaltar que, ao chamá-los lendas e mitos, não se faz referência às ideias estereotipadas comumente associadas aos termos. Para o senso comum, a

palavra lenda e/ou mito se remete a uma mentira ou um exagero. Todavia, neste artigo, não se compreende desta forma.

Ao contrário, entende-se que esses textos são complexos, da ordem do sobrenatural e que caracterizam as nações indígenas. Para Coelho (2003, p. 9), "mitos e lendas são conceitos que se referem às narrativas de cunho popular, cuja origem é oral, meio pelo qual elas são passadas de geração em geração". Nas aldeias indígenas, são histórias contadas por pessoas mais velhas para as mais novas.

Nesse sentido, "os mitos estão sempre ligados a fenômenos inaugurais: à genealogia dos deuses, à criação do mundo e do homem, à explicação mágica das forças da natureza" (COELHO, 2000, p.169). São explicações, são formas de pensar, que poderão diferir a depender da perspectiva de cada povo indígena, pois é "criação original de cada grupo com identidade cultural própria, referidos às suas condições de existência e à cosmovisão aí elaborada" (SILVA, 1994, p.75).

Por essa razão, conforme Silva (1994, p. 75), esses textos "se articulam à vida social, aos rituais, à história, à filosofia própria do grupo, com categorias de pensamento localmente elaboradas que resultam em maneiras peculiares de conceber a pessoa humana, o tempo, o espaço, o cosmos". Em outras palavras, são textos que organizam as sociedades indígenas.

Já as lendas não possuem necessariamente um caráter iniciático ou de cunho religioso. A lenda "é um relato referente ao passado, sobretudo do passado remoto, tal como se transmitiu de geração em geração" (COELHO, 2003, p. 17). Segundo a autora, a lenda traz uma narrativa em que o personagem principal apresenta padrões de conduta para o povo indígena. "O objetivo desse personagem, no caso, é de dar um exemplo de comportamento para que outros indivíduos sigam o mesmo caminho" (COELHO, 2003, p. 18).

As lendas são narrativas que descrevem fenômenos naturais e sobrenaturais, ao mesmo tempo que transmitem ensinamentos e valores da sociedade indígena à qual está vinculada, configurando-se patrimônio cultural do povo (COELHO, 2003). Essas características podem ser vistas nas duas obras analisadas.

O mito *Çaíçú'indé: o primeiro grande amor do mundo* é uma narrativa amazônica sobre a criação do mundo, dos primeiros seres humanos e como surgiu o primeiro amor, segundo a perspectiva do povo Maraguá. Escrito por Roní Wasiry

Guará, foi publicado pela Valer Editora, em 2021, com ilustrações de Humberto Rodrigues.

O livro possui 32 páginas, repletas de ilustrações coloridas, que pode ser lido na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Com ele é possível realizar contação de história ou fazer a leitura coletiva, com o apoio das ilustrações. Essas escolhas metodológicas irão depender do público ao qual será realizada a leitura/contação.

A história remete ao início do mundo, em que é possível encontrar uma dualidade entre o bem (na figura de Moñag, criador do mundo e deus poderoso) e o mal (representado por Aryãg que busca intervir na felicidade humana). Assim como em outras histórias, no final, o bem vence o mal, mesmo após as diversas investidas de Aryãg.

Uma das personagens principais é Yãny, indígena de uma beleza inegável, como pode ser lido a seguir: "Yãny, uma linda e formosa jovem guerreira do povo, caminhava um dia pelo vale, cantando acompanhada pelos pássaros que saltavam de árvore em árvore" (GUARÁ, 2021, p.10). Esse excerto, bem como a ênfase na beleza da personagem, lembra narrativas ocidentais em que a figura feminina é desejada por sua beleza. Todavia, também se contrapõe a essas narrativas, pois Yãny é uma guerreira do seu povo. Quando ela nota a ausência do seu amado, sai pelo mundo à sua procura: "Atravessou vales, florestas imensas, subiu montanhas e não conseguiu encontrar quem procurava. Enfrentou fortes ventos, tempestades e nada!" (GUARÁ, 2021, p. 19).

Além disso, é possível destacar que o livro apresenta aos leitores aspectos inaugurais, conforme esperado nos mitos. Por exemplo, a narrativa explica como o deus Monãg surgiu; oferece a descrição de como ele criou o mundo e os humanos; e explana como ocorrem alguns fenômenos da natureza, tais como as fases da lua e o eclipse, a partir da cosmovisão maraguá.

Considerando as características do mito, esses textos apresentam explicações relativas a uma etnia, em especial, a forma de organização e articulação das crenças dessa sociedade. Por essa razão, é preciso enfatizar para com os discentes a necessidade do respeito às cosmovisões que diferem das deles. A leitura e discussão da obra podem contribuir no aprofundamento de saberes sobre uma etnia indígena e da diversidade das crenças desses povos.

A mulher que virou urutau é um livro bilíngue, onde se encontra a narrativa na Língua Portuguesa e no Guarani. Foi publicado em 2011 pela Panda Books, escrito por Olívio Jekupé e sua esposa Maria Kerexu, ilustrado por Taísa Borges e os textos em guarani foram traduzidos por Jera Giselda. O livro, do gênero textual lenda, narra sobre uma mulher castigada pelo Lua, após rejeitar o seu amor. Esse livro também pode ser lido tanto na Educação Infantil, quanto nos anos iniciais do Ensino Fundamental, mas será necessário considerar as especificidades da turma para planejar a melhor forma de realizar a mediação.

A narrativa da obra é envolvente e, neste texto, também é possível encontrar uma ênfase na beleza da índia, protagonista do texto: "Uma índia muito bonita vivia sonhando acordada com o grande Jaxy, o Lua" (JECUPÉ; KEREXU, 2011, p. 5). Mas, nesse livro, a questão da beleza será posta em oposição ao amor em vários momentos da história. Por exemplo, nesse excerto: "para ver se a índia o amava de verdade, resolveu testá-la e apareceu como um velho" (JECUPÉ; KEREXU, 2011, p. 7). A índia, ao vê-lo que era velho e feio, decidiu que não o amava mais.

Essa atitude é condenada pela sua irmã, que representa, na narrativa, os pensamentos das outras pessoas da aldeia. "Ela não achava certo o que a bela índia estava fazendo, afinal, não importava se Jaxy era velho ou não, e sim que ele a amava" (JECUPÉ; KEREXU, 2011, p. 11). A partir deste momento, os valores amor e beleza são postos em foco, tendo em vista que, para aquela sociedade, o amor deve ser o principal motivo para o casamento.

A irmã da índia, então, se dispõe a casar com o velho. Ela é recompensada, pois "olhou com o coração e não com os olhos" (JECUPÉ; KEREXU, 2011, p. 15). O Lua se transforma em um jovem bonito e se casa com ela. Com o casamento, a irmã recebe um novo nome, Jaxy Tatá. Enquanto isso, a bela índia é castigada por desprezar o velho, sendo transformada num pássaro que tem o canto parecido com um choro.

Então, a lenda encerra com um ensinamento: "enquanto chora, Jaxy Tatá continua ao lado de Jaxy, o Lua, pois soube amá-lo sem preconceitos" (JECUPÉ; KEREXU, 2011, p. 19).

Em *A mulher que virou urutau* (2011) é possível notar os valores do povo guarani, bem como o uso das personagens como exemplo de comportamento, segundo afirma Coelho (2003). Jaxy Tatá apresenta um padrão de

comportamento considerado correto e ideal. Já a bela índia, ao não corresponder aos padrões, é castigada, tornando-se um exemplo do que acontece com quem é orgulhoso e despreza as pessoas pela aparência.

Como é um dos intuitos das lendas, neste texto há uma explicação para o surgimento de uma ave que faz parte do cotidiano daquele povo. O urutau é uma ave intrigante, uma vez que possui uma cor escura, com olhos grandes e amarelos. A ave tem preferência por viver em troncos mortos, pois assim é possível se camuflar, além de ser conhecida por seu canto triste (JEKUPÉ; KEREXU, 2011).

Ao ler os textos, existem diversos pontos de discussão, a depender da turma. É possível dialogar sobre o lugar da mulher nesta sociedade, que deve aceitar o que lhe é oferecido e deixar de lado as suas próprias ambições. Diferentemente da protagonista de *Çaíçú'indé: o primeiro grande amor do mundo* (GUARÁ, 2021), esperam que a protagonista de *A mulher que virou urutau* (JEKUPÉ; KEREXU, 2011) seja submissa e que aceite o que lhe é oferecido. Neste último caso, a protagonista se rebela, sendo castigada.

Dependendo da proposta do professor e do nível de maturidade da turma, pode-se convocá-los para observar e julgar as ações das duas indígenas protagonistas, além das atitudes dos outros personagens presentes nas narrativas. Além disso, é possível conversar sobre as semelhanças e as diferenças de valores para o povo não indígena e para os guaranis.

Textos como esses que foram analisados estão presentes nas escolas, entretanto, nem sempre a sua complexidade é conhecida pelos docentes ou é explorada ao máximo. Muitas vezes, se limita a somente uma leitura superficial, que reforça ideias folclóricas e descontextualizadas sobre os indígenas. Entretanto, é preciso que os mediadores saibam que essas narrativas possuem um caráter histórico e cultural no cotidiano dos povos indígenas, enfatizando a concepção errônea dos não indígenas sobre esses textos.

Ademais, no momento da mediação de livros como esses, é preciso contextualizá-los, tendo em vista a melhor compreensão e a superação de estereótipos. Dessa forma, é imprescindível apresentar aos discentes o povo indígena que a narrativa faz referência, pois cada etnia tem a sua forma de compreender o mundo, os fenômenos sociais e naturais, enfatizando a diversidade

cultural indígena no país. Esses conhecimentos prévios são essenciais para uma melhor leitura das lendas e dos mitos.

Outra possível sugestão para o momento da mediação é dialogar sobre o conceito de lenda e/ou mito com os alunos, na intenção de questionar a ideia do senso comum em relacionar os termos com mentira. Apresentar a visão dos povos indígenas sobre essas narrativas, contrapondo com a visão dos não indígenas, pode colaborar para a compreensão dessa problemática.

3.2. O indígena e a natureza

A relação dos povos indígenas com a natureza foi vista com estranhamento desde a chegada dos portugueses à terra que posteriormente se chamaria Brasil. O respeito, o cuidado e a integração que esses povos têm para com a natureza impressionam não indígenas até os dias atuais. Alguns consideram essa forma de se relacionar como primitiva, uma vez que difere da concepção atual de exploração máxima dos bens naturais.

Para os indígenas, o planeta terra está interligado com os seres humanos, de tal modo que existe uma relação de dependência entre eles. De acordo com Krenak (2019, p.16), "fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade". Dessa forma, esses povos respeitam e preservam o planeta, que é considerada parente.

Carregados de preconceito para com os povos indígenas, a sociedade ocidental disseminou "[...] a lógica de que a civilização é urbana, e tudo que está fora das cidades é bárbaro, primitivo" (KRENAK, 2022, p. 32). Sendo assim, existe uma relação de oposição entre cidade, que é onde se encontra o civilizado, o ser humano; e floresta, onde se depara com o selvagem, a sub-humanidade. Nesta perspectiva, a natureza é suja e perigosa, enquanto a cidade é segura e limpa.

Diante disso, para os indígenas, estar na natureza é se relacionar com um parente, é necessário para viver. Conforme Baniwa (2006), os indígenas são guardiões da natureza e relacionar-se com ela é ter paz e tranquilidade, lugar que tem tudo o que precisam.

Essa relação entre natureza e indígena pode ser vista no livro *Um curumim, uma canoa* de Yaguarê Yamã e ilustrações de Simone Matias, publicado em 2012 pela Zit Editora. Narra as aventuras de uma criança que explora o seu entorno, ao mesmo tempo que brinca e vive as suas fantasias. A obra volta-se para crianças da Educação Infantil. Possui frases curtas, com várias ilustrações importantes para a compreensão da leitura.

Na obra, a criança, personagem principal, é como qualquer outra: criativa, inventiva e imaginativa. Gosta de brincar e de se aventurar por meio da imaginação. Assim, viaja pelo rio de água que corre ao contrário, nada no rio com os botos, vai até o reino da cobra-grande e para um reino muito distante em que indígenas e não indígenas convivem.

É possível notar no livro que, mesmo sendo aventuras imaginativas, a natureza está presente, demonstrando que ela faz parte da cosmovisão desse povo. Há, pois, uma relação harmônica entre a criança e a natureza, em vários momentos da obra. É perceptível notar a felicidade dela em estar em contato com a natureza (BONIN; RIPOLL, 2011).

A natureza é vista, principalmente, por meio das ilustrações. Essa criança mora numa aldeia localizada ao lado de um rio, rodeada de árvores. Então, esse é seu cenário cotidiano e é nesse lugar que busca os recursos para brincar. Não há perigos nessa relação, uma vez que a natureza é a extensão do seu lar, do seu próprio ser.

Em *Um curumim, uma canoa* (YAMÃ, 2012), a natureza é um recurso explorado pela criança, presente no seu cotidiano, nos objetos utilizados. Essa relação de manipular e controlar a natureza é vista, por exemplo, nos recursos que o curumim utiliza para brincar, os quais são: a terra, o remo feito de madeira de árvores, e a palha, como pode ser lido no excerto: "Bem cedinho, no terreiro da aldeia, ele se senta. Bumbum no chão (é assim que se senta)... remo na mão. E sob os pés... palha de cacho de açaí ele tem – ela é a sua canoa" (YAMÃ, 2012, p. 6 e 9).

A leitura e discussão dessa obra com as crianças pequenas pode auxiliar para diminuição de estereótipos sobre essas pessoas, pois mesmo apresentando práticas culturais distintas, o personagem apresenta semelhanças com as crianças não indígenas. Além disso, o livro convida os leitores a olharem para seu redor,

explorar a natureza e perceber que nela existem várias formas de brincar e se divertir.

A natureza também fica em evidência em *Chuva, gente*! de Cristino Wapichana. Foi publicado em 2021, com ilustrações de Graça Lima, pela Leiturinha. O livro registra a convivência de uma avó com a sua neta. Na história encontram-se ensinamentos da mais velha para a mais nova sobre a chuva, a mãe de todos. Essa obra possui textos longos e várias imagens que exigem um leitor mais proficiente, como aqueles das turmas do 3.º ao 5.º ano do ensino fundamental.

A relação dos personagens com a natureza é vista em toda a obra, seja no texto ou na ilustração. O ambiente da floresta é seguro, é o lar dos personagens, onde se sentem felizes e privilegiados pela forma como vivem. Em *Chuva, gente!* (WAPICHANA, 2021), a cosmovisão privilegiada é dos indígenas Wapichana que condenam atitudes dos não indígenas para com a natureza. Esse é um ponto positivo da literatura indígena que evidencia as concepções ameríndias, para um leitor que, muitas vezes, tem contato com narrativas que relatam somente a visão dos não indígenas.

Como afirmam Bonin e Ripoll (2011), em muitos livros de literatura indígena há uma proximidade entre os personagens e os animais. É o que acontece nesta obra, exemplificada no excerto: "logo percebeu que não estava sob ameaça. Acariciei-o por um instante na esperança de que cantasse. [...] sapos comem moscas, mosquitos, escorpião, gafanhoto, formigas... São do bem" (WAPICHANA, 2021, p. 29). Dessa forma, neste livro, as pessoas daquele lugar são felizes na natureza, convivendo com os animais que nela habitam harmoniosamente.

Acrescenta-se o modo como os personagens, principalmente a avó, enxergam a chuva. Como figura de autoridade para o ensino, a avó tem "uma atitude contemplativa frente à natureza, apresentada como natural aos povos indígenas" (BONIN; RIPOLL, 2011, p. 26). É a anciã que ensina sobre esse fenômeno da natureza. A chuva é a mãe de todos, é necessária à terra e aos humanos. É ela que também orienta a neta a como ouvir a chuva, a compreender os sinais que a natureza oferece quando ela está se aproximando.

Essa visão difere da forma como a chuva é vista na cidade, tendo em vista os transtornos causados por ela neste lugar. Além disso, os povos da floresta possuem outra forma de identificar a chegada da chuva, que não é a partir da

previsão do tempo, divulgada em meios de comunicação, mas por meio dos sinais oferecidos pela própria natureza, reafirmando a íntima relação dessas pessoas com a natureza.

Na história, também se evidenciam os malefícios encontrados fora da aldeia, enfatizando a forma errônea com que os povos da cidade tratam o planeta Terra. A avó ensina para a neta que os não indígenas, por não cuidarem da natureza, sofrem com as consequências, pois quando chove, diversos transtornos acontecem na cidade. Ela explica: "Em muitas cidades, seus habitantes mataram lindos rios. Seus filhos e netos não conhecem os peixes que existiram naquelas águas. Não sabem como pescar, caçar ou plantar..." (WAPICHANA, 2021, p. 19).

A história também evidencia que as diferentes formas de lidar com a natureza causam conflitos entre indígenas e não indígenas. Estes, como os que querem explorá-la ao máximo, e aqueles como os guardiões, os que lutam para protegê-la. Por essa razão, na narrativa, o avô e os tios da personagem foram mortos pelos não indígenas.

A leitura de *Um curumim, uma canoa* (YAMÃ, 2012) e *Chuva, gente!* (WAPICHANA, 2021) pode proporcionar melhor compreensão dos leitores não indígenas sobre os ameríndios. De fato, é sabido que existe uma profunda relação dessas pessoas com a natureza, entretanto, os dois livros analisados demonstram-na a partir da perspectiva indígena, isto é, uma relação sem estereótipos. Ao lê-los, as crianças poderão ampliar as ideias sobre a importância do cuidado com a natureza, cuidado esse que deve partir de todos os habitantes da terra.

Diante disso, considerando as discussões a partir das duas obras analisadas neste tópico, os leitores poderão começar a perceber que o estranhamento para com a relação entre os indígenas e a terra é fruto de um olhar preconceituoso da sociedade ocidental.

3.3. O indígena e a cidade

Um fato pouco conhecido de muitos brasileiros é que existem indígenas vivendo na cidade. Entretanto, não é uma novidade, pois esses povos sempre circularam em contextos urbanos. Lima (2020) afirma que antigos moradores da Amazônia já tinham estilo urbano, possuíam estradas, tecnologia, economia e

eram organizados sociopoliticamente. Dessa forma, o modo de vida considerado da cidade não é estranho ou totalmente distante da realidade dos povos indígenas. Além disso, assim como qualquer pessoa, eles têm o direito de ir e vir no território brasileiro.

O que aconteceu é que, na intenção de apagamento da identidade indígena, os brancos definiram que indígena é aquele que vive na floresta, propagando esse e outros estereótipos. Assim, caso esteja fora desse lugar, ele perde a sua identidade. Concepções como essa reforçam o estereótipo de que esses povos são "uma população habitante de floresta, preguiçosa e incapaz de viver nas cidades" (NASCIMENTO; VIEIRA, 2015, p. 121).

Para os autores, "Muitos que deslocaram para os centros urbanos vieram em busca de trabalho e boas escolas para a continuidade dos estudos de seus filhos" (NASCIMENTO; VIEIRA, 2015, p. 122). E, de fato, existem muitos outros motivos e necessidades que envolvem essa escolha, o que não dá o direito de terceiros julgar se é correto ou não a presença dessas pessoas na cidade. Dessa forma, esses povos acabam lidando com situações desrespeitosas e discriminatórias. Esse aspecto será visto, com algumas semelhanças e diferenças, nas obras que serão analisadas sobre esta temática.

De autoria de Daniel Munduruku e imagens de Rogério Borges, *Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória* foi publicado pela editora Studio Nobel em 2005. Esta é uma obra autobiográfica que narra as vivências de uma criança indígena que mora na cidade. As visitas frequentes à aldeia Maracanã e, principalmente, o contato com o seu avô, ajudam a vencer uma crise de identidade. É um texto longo, de 40 páginas, com poucas ilustrações, que pede um público de leitores proficientes, podendo ser lido nas turmas de 4.º e 5.º ano do Ensino Fundamental.

Nesta obra, o personagem principal transita entre a cidade, lugar onde mora, e a aldeia, que vai aos finais de semana. A sua família morava na aldeia Maracanã, do povo Munduruku, mas optou por se mudar para a cidade. Segundo o narrador, "Meus pais tinham ido para Belém em busca de uma maneira de sustentar tantas bocas, uma vez que já não era tão fácil viver na aldeia e eles sonhavam com a cidade" (MUNDURUKU, 2005, p. 9).

Este último motivo pode chamar a atenção dos leitores não indígenas que, de modo geral, acreditam que não existem indígenas na cidade ou que essas pessoas preferem estar na floresta. Esse não foi o caso da família retratada na obra, pois os pais sonhavam com a cidade. Segundo Nascimento e Vieira (2015), muitas famílias indígenas vão para os centros urbanos na intenção de encontrar emprego ou dar continuidade aos estudos, dentre outros motivos.

O foco do livro é a relação que o personagem principal estabelece com a cidade, enquanto criança. Na obra, este lugar acaba tornando-se nocivo para ele, uma vez que vive situações desagradáveis e desumanas de desrespeito, preconceito e discriminação pelos colegas na escola. A aldeia irá se tornar um dos poucos lugares que trazem paz e a relação com o avô irá auxiliá-lo a compreender-se e aceitar-se como indígena.

Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória (MUNDURUKU, 2005), propõe aos leitores uma reflexão sobre como a relação entre indígenas e não indígenas na contemporaneidade continua carregada de preconceitos e como isso pode prejudicar a vida dessas pessoas. Ao mesmo tempo, é preciso pontuar que há um discurso condescendente por parte do narrador na tentativa de enfatizar aos leitores a tolerância e o respeito aos indígenas. Também é perceptível na forma como expõe os sofrimentos vivenciados pela criança indígena, fazendo o leitor se compadecer com a situação.

Na narrativa, nota-se uma comparação entre estar na aldeia e estar na cidade. A aldeia é um ambiente harmônico, de tranquilidade, onde o personagem está entre os seus e onde ele é aceito. Mas não é o que acontece na cidade que, devido aos conflitos com não indígenas, esse ambiente se torna nocivo. Sabe-se que isso ainda acontece com essas pessoas devido aos preconceitos e aos estereótipos que estão no imaginário social. Essa obra, então, é o retrato do que é vivenciado cotidianamente por muitas crianças e adultos indígenas.

Da mesma forma, o trânsito entre cidade e aldeia pode ser lido em *Criaturas de Ñanderu* de Graça Graúna e ilustrações de José Carlos Lollo. Publicado pela editora Amarilys em 2010, narra a história de uma índia tão bonita que Ñanderu, o criador, tinha ciúmes dela. Essa índia se tornaria protetora dos parentes, defendendo a sua tradição frente aos não indígenas. Essa história pode ser lida nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Nesta obra, a personagem principal não sofre preconceito na cidade, como em *Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória* (MUNDURUKU, 2005), mas este lugar continua a ser retratado como perigoso. Cunhã recebe a missão de cuidar dos seus parentes, da ciência e da tradição do seu povo, com idas à cidade para conhecer o mundo e crescer em sabedoria. Ela recebe orientações de um velho sábio que apareceu no seu sonho:

> Disse-lhe para não se deixar seduzir pelas belas mentiras da cidade grande, pois já era hora de cunhã conhecer o outro mundo e advertiu: "tudo o que você aprender fora da aldeia, compartilhe com os parentes. Guarde nossas tradições, nossas origens (GRAÚNA, 2010, p.12).

No caso deste livro, a personagem estava autorizada a ir até a cidade, mas como é um ambiente arriscado, seriam necessárias orientações para estar nesse lugar. Diante de tantos perigos, ela deveria esconder que consegue se transformar num pássaro "para não despertar a curiosidade dos estranhos" (GRAÚNA, 2010, p. 19). Essa curiosidade poderia colocar em risco a sua vida, bem como dos seus parentes, além da ciência e tradição do povo.

Ademais, a cidade é, mais uma vez, apresentada nesta obra como ambiente periculoso. Mesmo com as orientações dos mais velhos, ela acabou sendo atraída pelas mentiras do lugar e, como consequência, o seu canto ficou engaiolado. Dessa forma, estar na cidade é estar em guerra, sendo necessário ter atenção para não cair nas tentações.

Assim como no livro anterior, em *Criaturas de Ñanderu* (GRAÚNA, 2010), a aldeia é a representação da segurança da personagem. Essa concepção é notória porque os sábios sempre a orientava a voltar ao seu povo. Ela deveria ir à cidade, ter acesso às novas culturas, mas era imprescindível retornar para ter forças e compartilhar os aprendizados com os parentes.

É perceptível a ideia da aldeia como lugar seguro, porque era o único ambiente onde cunhã poderia ser quem realmente era, isto é, poderia se transformar num pássaro. Lá, ela possuía asas negras, na cidade, as asas se transformavam em longos cabelos pretos.

Tanto em *Meu avô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória* (MUNDURUKU, 2005), quanto em *Criaturas de Ñanderu* (GRAÚNA, 2010), estar na

cidade é sofrer de alguma forma, seja por discriminação, seja pela necessidade de se proteger. De acordo com Nascimento e Vieira (2015), os povos indígenas convivem com o preconceito na cidade, sofrendo diversos tipos de violência. Segundos os autores, esse é um dos motivos para algumas pessoas escolherem omitir a sua identidade na intenção de se proteger, como foi visto no livro em *Meu avô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória* (MUNDURUKU, 2005).

Ao ler essas produções, os leitores entenderão que existem indígenas não somente na floresta, como também nas cidades. É importante discutir que estar nesse lugar é um direito desses povos, o que não irá alterar as suas identidades indígenas. São obras que também falam do preconceito e do sofrimento dos personagens com o desrespeito que eles convivem.

Diante disso, os dois livros poderão cooperar para o leitor perceber a realidade indígena de forma mais contemporânea e não limitada a determinado ambiente ou forma de agir. Essas pessoas podem e devem circular por onde desejarem, assim como qualquer outro cidadão brasileiro.

Conclusão

A partir da análise dos seis livros apresentados como *corpus* neste texto, é notória a potencialidade dessas obras para aprofundar o conhecimento sobre as histórias e culturas indígenas, bem como combater os estereótipos sobre esses povos na instituição escolar.

Ao ter acesso aos livros que trazem as narrativas indígenas, os leitores conhecerão a diversidade das etnias que existem no Brasil, à medida que entenderem que cada povo possui as suas lendas e os seus mitos. Além disso, aprofundam o estudo sobre as práticas culturais porque os textos da mitologia indígena apresentam como as sociedades ali representadas se organizam.

Os livros que evidenciam a relação entre o indígena e a natureza possibilitarão às crianças saber como vivem tantas etnias em contextos da floresta, entendendo que essa relação faz parte da cosmovisão dos indígenas. Ademais, poderá ser um caminho para a compreensão de que a forma como a relação desses povos com a natureza é vista pelos não indígenas, é permeada de ideias preconceituosas.

Na mesma perspectiva, as obras que tematizam os indígenas na cidade, poderão combater o estereótipo de que essas pessoas só vivem no ambiente da floresta. É uma forma de trazer a discussão para a contemporaneidade, enfatizando que a identidade não é definida pelo lugar onde se nasce ou se está.

Diante disso, é sabido que a literatura indígena apresenta outros temas e outras possibilidades, sendo sua presença na escola importante para avançar no conhecimento desses povos que contribuíram para a formação da história do país, mas que continuam existindo na atualidade e atuando politicamente no Brasil.

Por fim, este artigo também ressalta a necessidade do encontro dos primeiros leitores, crianças de Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, com essas obras. Ao se fazer presente nas salas de aula, a literatura indígena poderá contribuir para a diminuição de ideias errôneas sobre os indígenas, o conhecimento da história do país, além de colaborar com a implementação da Lei n.º 11.645/2008.

Para que isso ocorra, essas obras precisam se fazer presentes também nas formações inicial e/ou continuada dos pedagogos para possuírem repertório literário sólido de obras de autoria indígena, além de compreenderem como realizar a mediação desses textos com as suas turmas.

Referências

BANIWA, Gersem dos Santos Luciano. **O Índio Brasileiro**: **o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje** – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006. http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/indio_brasileiro.pdf

BONIN, Iara Tatiana; RIPOLL, Daniela. **Índios e natureza na literatura para crianças**. *Revista Teoria e Prática da Educação*, Maringá, v. 14, n. 1, p. 19-29, 2011. http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/15669.

BONIN, Iara Tatiana. **Com quais palavras se narra a vida indígena na literatura infanto-juvenil que chega às escolas?** In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (org.). *Estudos culturais para professor@s.* Canoas: Ed. ULBRA, 2008, p. 115-133.

BRASIL. **Lei nº 11.645/08 de 10 de março de 2008.** Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, 2008. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm.

CALVET, Louis- Jean. **Tradição oral e tradição escrita**; tradução Waldemar Ferreira Netto, Maressa de Freitas Vieira. - São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: arte literária ou pedagógica?** In: Literatura infantil: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000, p. 46-61.

COELHO, Maria do Carmo Pereira. **As narrações da cultura indígena da Amazônia: lendas e histórias**. 206 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003. http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Lingua Portuguesa/teses/Maria_carmo.pdf.

DORRICO, Julie; et al (org.). **Literatura Indígena Brasileira Contemporânea**: criação, crítica e recepção. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. https://www.editorafi.org/438indigena.

DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco. **A palavra da tradição oral à tradição escrita: a literatura indígena na universidade do século XXI**. *Muitas Vozes*, [S.L.], v. 7, n. 1, p. 75-98, 6 mar. 2019. Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). https://revistas.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/view/12145/pdf2.

Gil, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GUARÁ, Roní Wasiry. **Çaíçú'índé: o primeiro grande amor do mundo**. 2.ª ed. - Manaus: Editora Valer, 2021.

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. - Belo Horizonte: Mazza, 2013.

GRAÚNA, Graça. **Criaturas de Ñanderu**. Ilustrações de José Carlos Lollo. 1ª. Ed. – Barueri, SP: Manole, 2010.

JEKUPÉ, Olívio; KEREXU Maria. **A mulher que virou urutau**. Ilustrações de Taisa Borges. São Paulo: Panda Books, 2011.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. Companhia das Letras. Edição do Kindle, 2022.

LIMA, Carmen Lúcia Silva. **Etnicidade, etnologia indígena e antropologia urbana**. In: *Indígenas na cidade: os Kalabaças, Kariri, Potiguara, Tabajara e Tupinambá de Crateús* [recurso eletrônico] – Recife: Ed. UFPE, 2020, p. 49-106.

MARTHA, Alice Áurea Penteado. **Olívio Jekupé: identidade indígena na produção contemporânea de literatura infantojuvenil paranaense**. In: MARTHA, Alice Áurea Penteado; VALENTE, Thiago Alves (orgs.). *Produção cultural paranaense para crianças e jovens.* Assis: Cultura Acadêmica, 2016, p. 175-192.

MUNDURUKU, Daniel. **Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória**. Ilustrações de Rogério Borges. São Paulo: Studio Nobel, 2005.

NASCIMENTO, Adir Casaro; VIEIRA, Carlos Magno Naglis. **O índio e o espaço urbano: breves considerações sobre o contexto indígena na cidade**. *Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade*, São Paulo, v. 1, n. 14, p. 118-136, jun. 2015. https://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/view/26141/18771.

SILVA, Aracy Lopes da. **Mitos e cosmologias indígenas no Brasil: breve introdução**. In: GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. *Índios no Brasil.* Brasília: Ministério da Educação e do desporto, 1994, p. 75-82.

SILVA, Edson; SILVA, Maria da Penha da. **As diversidades étnicas no Brasil: desafios às práticas escolares**. In: SILVA, Edson; SILVA, Maria da Penha da. *A temática indígena na sala de aula: reflexões para o ensino a partir da Lei 11.645/2008* [recurso eletrônico] – 3. ed. – Recife: Ed. UFPE, 2020, p. 140-163. https://editora.ufpe.br/books/catalog/book/62.

THIÉL, Janice Cristine. **Pele silenciosa, pele sonora: a literatura indígena em destaque**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012 (Coleção Práticas Docentes).

THIÉL, Janice Cristine. **A literatura dos povos indígenas e a formação do leitor multicultural.** *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1175-1189, out./dez. 2013. http://www.ufrgs.br/edu_realidade/.

WAPICHANA, Cristino. **Chuva, gente!** Ilustrações de Graça Lima. – 1ª. Ed. – Poços de Caldas, MG: Leiturinha, 2021.

WERÁ, Kaká. **Tembetá**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue Editorial Ltda, 2017.

YAMÃ, Yaguarê. **Um curumim, uma canoa**. Ilustrações de Simone Matias. – Rio de Janeiro: Zit, 2012.